



**ARIANA PAULA DE ALMEIDA SILVA**

**A LITERATURA E SUA POTENCIA EM DIÁLOGOS E  
CONSTRUÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**LAVRAS – MG**

**2021ARIANA PAULA DE ALMEIDA SILVA**

A LITERATURA E SUA POTENCIA EM DIÁLOGOS E CONSTRUÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Universidade Federal de  
Lavras, como parte das exigências do  
Curso de pedagogia, para a obtenção do  
título de Licenciada.

Prof. Dr. Márcio Magalhães da Silva

Orientador

LAVRAS – MG

2021

**AGRADECIMENTOS**

A princípio, agradeço a Deus, pois a ele pertence tudo e todas as coisas. Por me guardar e estar comigo em todos os momentos, inclusive naqueles em que duvidei de sua presença.

Agradeço a minha família fundação da minha existência. Esses que durante todo o período de produção deste e de todos os trabalhos que realizei sempre estiveram ao meu lado e que nunca me deixaram desistir.

Agradeço a todos meus amigos e colegas que sempre me incentivaram e que estiveram lá por mim e para mim em todas as vezes que duvidei da minha capacidade. Reafirmando somos capazes de façanhas inimagináveis quando acreditamos. Achar a “minha tribo” fez toda a diferença.

Agradeço ao meu orientador Márcio Magalhães Silva que embarcou comigo nesse projeto. Que passou comigo por uma fase conturbada e não desistiu de mim. Agradeço também a todos outros professores e professoras que me guiaram pelo caminho do conhecimento, despertando em mim uma paixão pela educação que antes eu sequer sabia que a tinha.

Não poderia deixar de mencionar as professoras Giovanna Cabral, Jacqueline Magalhães e Carolina Alvarenga mulheres fortes, inteligentes extremamente competentes e que são para mim fonte de inspiração docente.

Enfim, estendo este agradecimento a todos que de alguma forma contribuíram para a produção deste trabalho e para a minha formação como profissional e principalmente como mulher cidadã.

*“O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.”*

*Dermeval Saviani*

## **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma verificação do uso da Literatura como suporte para as discussões de gênero e sexualidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tal, partiu-se da análise das produções apresentadas no 13<sup>th</sup> Women's Worlds Congress/Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, evento realizado a cada três anos, que recebe trabalhos de estudiosos das mais diversas partes do mundo. A partir dessa análise alguns trabalhos foram selecionados e uma verificação mais minuciosa foi realizada. Esta pesquisa considera gênero e sexualidade construções sociais e não apenas um aspecto biológico e uma questão de saúde como muitas escolas ainda tendem a crer. Além de trazer definições de gênero e sexualidade, o trabalho ainda faz um esclarecimento da conceituação de Literatura e de como esses três temas estão intimamente ligados aos processos educacionais no que se refere à educação sexual e suas ramificações. Para a realização deste trabalho foram usados estudos de caráter literário, histórico e sociológicos, realizou-se uma pesquisa bibliográfica para a fundamentação do trabalho e posteriores análises, baseada em autores como Cândido (2011), Kollontai (2011), Louro (1997), Corsino (2010), Abrantes (2011) entre outros.

Palavras-chave: Infância, Literatura, escola, gênero e sexualidade

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>7</b>
GÊNERO E SEXUALIDADE.....	8
O LIVRO E A LITERATURA.....	10
GÊNERO, SEXUALIDADE E LITERATURA NA ESCOLA .....	12
<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>14</b>
<b>RESULTADOS</b> .....	<b>17</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS:</b> .....	<b>22</b>

## INTRODUÇÃO

A sexualidade é parte fundamental da identidade dos seres humanos. Assim, a discussão do tema é indispensável na formação de cidadãs e cidadãos conscientes da sua identidade e da sua essência. Diante disso, estudar gênero e sexualidade se tornou algo extremamente relevante na formação docente. Tais assuntos foram incluídos como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento governamental publicado em 1997, logo após a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para orientar a elaboração dos currículos da educação básica no Brasil, tornando-se assim obrigatórios nas salas de aula.

O tema sempre foi para mim objeto de grande interesse e curiosidade. Em 2014 iniciei meus estudos do tema com a produção de um Trabalho de Conclusão de Curso (ABREU E SILVA, 2016) que analisou o aspecto da sexualidade e como ela é abordada na obra “As Meninas” da autora brasileira Lygia Fagundes Telles. Desde então eu sabia que queria me aprofundar nos estudos deste tema.

Após os primeiros contatos com a escola, nos estágios durante minha formação e em seguida em minha atuação como docente, foi possível notar que o tema raramente era mencionado durante as aulas. As professoras e os professores se sentiam desconfortáveis e até despreparadas/os para abordar a temática. As poucas vezes que presenciei gênero e sexualidade sendo discutido em sala de aula foi de maneira estigmatizada, ficando a cargo das professoras e dos professores de ciências naturais e biologia realizar essa tarefa afinal, as questões de gênero e sexualidade vão muito além dos aspectos biológicos, desenvolvem-se também historicamente. Tornando assim as discussões acerca do tema uma responsabilidade de todas as áreas do conhecimento. Tudo isso ampliou ainda mais em mim o interesse por compreender e analisar a temática.

Durante todos os anos de estágio foi possível notar que a situação é ainda mais problemática quando as discussões se estendem para as alunas e os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.. Tendo como ponto de partida minha experiência, discutir gênero e sexualidade com crianças ainda é algo que eu raramente presenciei acontecer.

Assim, julgamos fundamental para a formação do ser humano que este conheça a si de maneira total e completa e isto inclui as questões voltadas para gênero e sexualidade. Apenas por meio do conhecimento uma pessoa é capaz de se tornar um cidadão ativo, empático e apto a lutar seus direitos e cumprir com os seus deveres. E estas são algumas das habilidades que se espera que a educação desenvolva no estudante.

Entretanto, baseado em minhas experiências pessoais, as discussões parecem ainda estar pautadas apenas nos aspectos biológicos e de saúde. Questões como a prevenção da gravidez na adolescência ou de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) ainda costumam ser a protagonista no que se refere as conversas sobre gênero e sexualidade. Não é raro nas escolas a “semana da educação sexual”, quando médicos e outros profissionais da saúde mostram às alunas e aos alunos os métodos contraceptivos e falam sobre os riscos de se fazer sexo.

Assim, é importante aqui deixar claro que a ideia que se adota para esta pesquisa é a de que gênero e sexualidade se distanciam de conceituações puramente biológicas e consideram esses aspectos também construções sociais

Em diálogos diários com educadores e educadoras estes afirmam que a forma como gênero e sexualidade devem ser abordados com crianças pequenas ainda é uma dúvida constante no em seus cotidianos. Há também algumas famílias de estudantes que se mostram muito resistentes a esse tipo de discussão no ambiente escolar, não compreendendo que a escola quer apenas educar o indivíduo para que este saiba lidar com a sua sexualidade e todos os aspectos que a cercam.

Diante de tudo que foi dito, a pesquisa que se segue objetiva verificar se a literatura vem sendo utilizada nas discussões sobre sexualidade e gênero e em caso afirmativo como isso está sendo feito, pois temos como pressuposto que a literatura é uma forma de expressão artística que contempla questões de gênero e sexualidade e o tratamento do tema a partir da leitura de obras literárias poderia ocorrer de forma menos problemática, mais abrangente, contextualizada e significativa. Dessa forma, além de discutir o tema se estaria conferindo novos sentidos para a atividade de leitura, essencial para a formação humana.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**



A princípio levando em consideração as idéias de Louro (1997) é válido deixar claro que Gênero e sexualidade se relacionam aqui à forma como homens e mulheres, sejam eles cisgênero ou transgênero, vivenciam seus desejos e vontades. As identidades sexuais são processos dinâmicos, em constante criação e transformação. Nenhuma identidade, por mais normativa ou previsível que seja, é automática. Em resumo, gênero e sexualidade têm forte determinação social. São processos construídos historicamente e que sofrem constantes modificações.

## **GÊNERO E SEXUALIDADE**

Um discurso amplamente difundido na sociedade é o de que política, religião e sexualidade são assuntos polêmicos, que causam brigas e desentendimentos, e por isso devem ser evitados.

Entretanto, é cada vez mais necessário que estas proposições sejam colocadas em pauta. Ao abrir qualquer site de notícias, nota-se uma forte onda de demonstrações violentas de intolerância sejam elas de caráter religioso, racial, sexual entre outros. O que se tem visto nos noticiários são pessoas LGBTQ+ sendo cruelmente assassinadas, mulheres sendo vítimas de feminicídio, negros e negras sendo mortas dentro de suas próprias casas, entre tantas outras notícias difíceis de ler.

Não há mais espaço ou tempo para ignorar esses assuntos. Pessoas estão morrendo e muitas vezes por obscurantismo, por falta de discussões nas diversas esferas e instituições da sociedade. Isto é a ignorância e a falta de diálogo matam. Diante deste cenário, a escola é um dos espaços que têm um papel fundamental na formação de pessoas esclarecidas e capazes de lutar contra as atrocidades que se tem visto e brigar por seus direitos e deveres.

A princípio, é válido aqui traçar um paralelo com o que diz Kollontai (2011) sobre o amor. O ditado “em briga de marido e mulher, não se mete a colher” tem sido propagado por gerações. Contudo, a autora afirma que esse assunto não deve dizer respeito apenas a esfera privada:

[...] a humanidade estabeleceu regras que determinavam quando e em que condições o amor era considerado legítimo (ou seja, quando correspondia aos interesses da coletividade) e quando teria de ser considerado como culpado (ou seja, quando o amor se encontrava em contradição com a sociedade) (KOLLONTAI, 2011, p. 108).

Assim como as questões amorosas, que quando mantidas apenas na esfera privada podem oferecer riscos à integridade e à saúde das mulheres envolvidas, as questões de gênero e sexualidade seguem o mesmo rumo. Muitas vidas podem ser salvas se esses temas forem levados para a sala de aula. O conhecimento ainda é uma ótima arma contra a intolerância e a violência.

Para fins de esclarecimentos julga-se necessário aqui um esclarecimento dos conceitos de sexualidade e gênero. Em seu livro “Gênero, Sexualidade e Educação” Louro (1997) apresenta uma visão histórica dos termos supracitados:

as primeiras a usar o termo *Gender* com o significado moderno, ou seja, atrelado a *sex*, e se desvincilhando das questões puramente biológicas foram as feministas anglo-saxãs. Para a autora, “pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são ‘trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico’ (LOURO, 1997, p.22)

Há aqui um descolamento das ideias defendidas desde então como gênero e sexualidade tendo sua única explicação na biologia. A ideia do que é ser homem ou ser mulher passa a ter forte influência das questões histórico-culturais.

A partir de tal definição o homem deixa de ser visto como o único que tem força e capacidade de trabalho, e conseqüentemente, o provedor exclusivo das necessidades da família. A mulher deixa de ser apenas a mãe e dona de casa, o sexo frágil, o ser delicado e emotivo, para ser vista como ser capaz, que luta por seus direitos, ou seja, homens e mulheres passam a ser vistos aqui, como iguais.

É válido ainda destacar o que se entende por sexualidade, isto é, como a pesquisa trata a temática. Nas palavras de Britzman (1996, p. 74):

Nenhuma identidade sexual — mesmo a mais normativa — é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada

Torna-se aqui importante fazer uma distinção entre os termos gênero e sexualidade. Para Jeffrey Weeks (1993, p. 6) citado por Louro, "a sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo". Não é possível que se compreenda a sexualidade de um ser apenas levando em consideração o gênero que lhe foi socialmente designado.

O gênero não se reduz ao sexo, da mesma forma como é impensável o sexo como fenômeno puramente biológico. Não seria o gênero exatamente aquela dimensão da cultura por meio da qual o sexo se expressa? Não é precisamente por meio do gênero que o sexo aparece sempre vinculado ao poder? (SAFFIOTI, 2004, p. 135).

Confundir e equiparar os dois termos é algo muito comum tanto no âmbito social quanto no escolar. Todavia, é preciso ter sempre em mente que ser homem ou mulher não define sexualidade. Nas palavras de Louro (1997):

Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc). O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. (LOURO, 1997, p.27)

Assim, após esclarecidos os conceitos usados como tema desta pesquisa, outra definição se faz necessária. Trata-se da conceituação do que é Literatura e como a pesquisa visualiza tal enunciado.

## **O LIVRO E A LITERATURA**

Para Corsino (2010), a literatura tem sido usada como artefato educacional desde os primórdios do processo educativo. Ensinar por meio de histórias, sejam elas romances, contos, poesia ou qualquer outro gênero literário, tem se mostrado uma alternativa eficaz para ensinar crianças e adolescentes, que se conectam com os personagens, vivem suas vidas, compartilham suas angústias e alegria, ou seja, se apropriam de uma história como se fossem suas, criam vínculos com as personagens e encontram nelas pontos de contato com as suas próprias histórias e questões.

Assim, a aprendizagem se torna mais lúdica e muito mais prazerosa. E há ainda um ganho muito maior, as discussões sobre o tema se tornam mais naturais e contextualizadas, integradas ao cotidiano escolar. Consequentemente, mais significativas para os estudantes.

Por meio da leitura os alunos e as alunas são levados a conhecerem um novo mundo. Muitas possibilidades são apresentadas, aquilo que era impossível se torna possível, facilitando assim o trabalho da professora ou do professor, que encontra na Literatura um espaço para abordar o tema de maneira totalmente integrada ao dia a dia dos e das estudantes.

A busca por uma conceituação do que é Literatura não é recente. Muitos autores ao longo dos anos tentaram explicar o que exatamente é esse conceito, que ao mesmo tempo é tão simples e acessível quanto complexo e inexplicável.

O estudioso brasileiro Antônio Cândido et al. afirmam que a literatura é uma forma de transposição do real para o ficcional:

A diferença profunda entre a realidade e as objectualidades puramente intencionais — imaginárias ou não, de um escrito, quadro, foto, apresentação teatral etc. — reside no fato de que as últimas nunca alcançam a determinação completa da primeira. As pessoas reais, assim como todos os objetos reais, são totalmente determinadas apresentando-se como unidades concretas, integradas de uma infinidade de predicados, dos quais somente alguns podem ser “colhidos” e “retirados” por meio de operações cognoscitivas especiais. Tais operações são sempre finitas, não podendo por isso nunca esgotar a multiplicidade infinita das determinações do ser real, individual, que é “inefável”. (CÂNDIDO et al., 2011, p. 24)

Entretanto, o autor deixa claro que o objeto real é infinito, algo maior, repleto de possibilidades, ao contrário da literatura que é finita, funcionando como um recorte do real. Uma ficção mostra apenas uma parte da vida e do contexto em que estão inseridos os personagens, a realidade é mais complexa e dotada das mais variadas opções.

A mesma proposição vale para o livro infantil. Por mais que um autor ou autora imagine, descreva e crie um mundo em suas obras, esta jamais será tão infinita e nem será capaz de capturar todo o universo de que constitui o real.

Tofanelli(2016)afirma que:

[...] o livro infantil se caracteriza,de acordo com Abrantes (2011), como um signo ideológico, um objeto cultural: sendo produto da atividade humana, o livro traz consigo elementos concernentes à luta ideológica presente na sociedade dividida por classes: o indivíduo que redige um livro, sendo um ser ativo, histórico e social – como todos os humanos – é incapaz de não posicionar-se diante de sua produção;

Tendo em vista aqui o livro como uma concretização da literatura, esta que é uma representação do real e repleta de opiniões e ideologias, uma obra literária nunca é completamente isenta e impessoal. As opiniões daquele que a produz sempre estarão presentes, podendo variar entre o quanto se expressa e o quanto se busca essa neutralidade. Assim,

ainda que tenha-se como proposta trabalhar aspectos biológicos acerca do desenvolvimento dos órgãos sexuais e da reprodução humana, por exemplo, há aí uma interpretação humana e, portanto, cultural; a escrita está

invariavelmente atravessada por elementos ideológicos, não comportando, portanto, uma pretensa neutralidade científica.(TOFANELLI, 2016, p.89)

Diante das afirmações supracitadas, a literatura e os livros tornam-se ferramentas fundamentais para discutir as questões que cercam os conceitos de gênero e sexualidade. Afinal, por mais que seja apenas uma representação do real, as histórias trazem em si vivências comuns ao universo infantil. Os livros contam aquilo que muitas vezes as crianças estão vivenciando ou ainda vivenciarão ao longo do seu desenvolvimento, contribuindo para o seu desenvolvimento como ser humano, completo e consciente como propõe a Constituição Federal de 1988.

## **GÊNERO, SEXUALIDADE E LITERATURA NA ESCOLA**

Após esclarecer os enunciados supracitados, cabe a esta pesquisa relacioná-los e ainda apresentar a produção acadêmica sobre o assunto. Isto é, o que os autores e pesquisadores têm a dizer sobre a literatura como suporte para as discussões de gênero e sexualidade.

É imprescindível deixar claro que, de acordo com Pasqualini (2010), é papel da escola propiciar um o “desenvolvimento omnilateral da criança em suas máximas possibilidades” (p. 195). Ainda segundo a autora, é direito da criança um desenvolvimento integral em todas as suas dimensões (física, intelectual, emocional, social). E este cenário inclui as relações de gênero e sexualidade.

Segundo Altmann (2001, p.576) é possível apreender que gênero e sexualidade têm permeado a educação desde a publicação dos PCN. Entretanto, muitos educadores ainda têm mostrado certa dificuldade ou até resistência a discussão do tema em suas aulas. E a problemática ainda se agrava quando se refere aos alunos da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, fase que muitos acreditam ser inadequada para abordar esses assuntos.

Dito isso, é preciso rememorar a ideia de que o ser humano não nasce homem ou mulher, ele sequer nasce humano. A humanidade é adquirida à medida que este novo ser é inserido na sociedade. Nas palavras de Leontiev(2004):

o método materialista histórico dialético, empreende que o homem não nasce humano, mas sim provido de aparatos biológicos necessários para o seu processo de humanização – isto é, para a apropriação do que já foi produzido pela humanidade

A partir desta fala pode-se dizer que a cultura, aqui em especial a literatura, é parte fundamental da formação do ser humano e conseqüentemente, da sexualidade deste. Isso evidencia que sexualidade e gênero precisam ser discutidos, que precisam ser pauta em casa, na escola, nas ONGs e todas as outras instituições que compõe a sociedade. Afinal, nenhum ser nasce pronto, todos precisam se tornar ser humano. Sendo assim, é possível afirmar que:

Os livros infantis, ao serem analisados em categorias analíticas, a saber, conceito de desenvolvimento humano, de condição feminina e masculina, de família e da organização dos papéis sociais, revelam-se, quando aliados a uma mediação adequada – isto é, quando mediado por alguém que trabalhe estes conteúdos a partir da reflexão sobre as contradições presentes no conteúdo apresentado –, apresentam-se como ferramenta capaz de promover o desenvolvimento da consciência em direção à superação das normas de submissão e exploração de um gênero pelo outro. (TOFFANELLI, 2016)

Assim, é possível afirmar que a Literatura é sim uma alternativa que deve ser utilizada por educadores. Por meio dos livros, as discussões se tornam muito mais significativas e integradas ao cotidiano escolar, funcionando como um combustível para promover debates e conversas de modo muito mais atual e sem estar apegado apenas nas questões biológicas e de saúde.

A Literatura é produto do pensar e do sentir humano, produto de uma sociedade, mais extremamente, atrelada ao subjetivismo e a individualidade do autor. Assim como as questões em pauta nessa pesquisa que têm forte interferência social, mas ainda assim estão intimamente ligadas ao subjetivo e as particularidades do ser.

Diante de tudo que foi dito anteriormente, cabe a escola a responsabilidade de proporcionar aos estudantes o contato com a cultura e neste caso, a literatura especificamente. Segundo Duarte (2008, p. 33):

o indivíduo forma-se apropriando-se dos resultados da história social e objetivando-se no interior dessa história, ou seja, sua formação realiza-se por meio da relação entre os processos de objetivação e de apropriação. Essa relação efetiva-se no interior de interações concretas com outros indivíduos, que atuam como mediadores entre ele e o mundo humano, o mundo da atividade humana objetivada

**Este contato não objetiva simplesmente que os estudantes conheçam e leiam livros, mas que essas leituras sejam parte de sua formação e de sua compreensão como ser humano. E conseqüentemente, a formação a compreensão do que é gênero e o que é sexualidade.****METODOLOGIA**

A presente pesquisa consiste em uma revisão dos trabalhos publicados nos anais do 13<sup>th</sup> Women's Worlds Congresseseminário Internacional Fazendo Gênero 11.O primeiro deles é realizado a cada três anos em diferentes países e recebe trabalhos de estudiosas das mais diversas partes do mundo, tanto aquelas que se voltam para os estudos acadêmicos quanto as ativistas da causa feminista e suas ramificações.

O evento realizado pela primeira vez no Brasil em 2017, na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, ofereceu discussões de temas atuais, trocas de experiência e fortalecimento das lutas feministas. Conforme consta no *site*,

Depois de passar por Israel, Holanda, Irlanda, Estados Unidos, Costa Rica, Austrália, Noruega, Uganda, Coreia, Espanha, Canadá e Índia, é a vez do Brasil sediar o Women's Worlds Congress, em um único evento, com o Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 de 30 de julho a 4 de agosto de 2017. A temática que norteará o encontro é "Transformações, Conexões, Deslocamentos". Com isso, queremos alargar esse lugar de diálogo para uma perspectiva mundial, afastada da hierarquia Norte-Sul, ou seja, um espaço onde se possa ouvir outras vozes, novas propostas, valorizar saberes, ampliar horizontes de estudo e de ativismo. Desse modo, seremos capazes de pensar e propor perspectivas inclusivas para os estudos feministas e possibilidades de construção feminista. (13º MUNDOS DE MULHERES E FAZENDO GÊNERO11, 2017)

Já o Seminário Internacional Fazendo Gênero 11,realizado em conjunto com o Worlds Women Congressesem Florianópolis,tem como objetivo dar espaço aos estudos relacionados ao feminismo e a causa LGBT+. Segundo o *site* o evento:

coloca-se no debate atual dos feminismos e das visibilidades de minorias, reconhecendo a importância das vozes que falam por si e por um comum compartilhado, reivindicando direitos, quando e sempre que o contexto e a força das mediações as ameçar de silenciamento.

Assim ambos os eventos buscam ser espaço de oportunização de crescimento das discussões acerca dos estudos da causa feminista, dos temas gênero e sexualidade e tantos outros relacionados que lá foram debatidos. Lutando assim por mudanças em conquistas nestes setores tão desvalorizados.

Considerando que todos os trabalhos apresentados nos eventos abordam questões relativas à sexualidade e gênero, o foco da pesquisa estava na intersecção desses temas com a educação infantil ou os anos iniciais do ensino fundamental e a

literatura. Para realizar uma primeira seleção de trabalhos foram utilizadas as palavras (1) Literatura, (2) Infância, (3) Ensino Fundamental e (4) Escola.

O site do evento divide as publicações em ordem alfabética e os artigos são agrupados de acordo com a primeira letra do seu título. Dito isso, a busca pela primeira palavra, Literatura, resultou na seleção de vinte e duas publicações. Depois de ler cuidadosamente o resumo de todas elas, apenas dois trabalhos foram selecionados. Os outros 20 foram excluídos porque não apresentavam relevância para este trabalho. Isto é, não abordavam a literatura tendo com suporte para discussões a respeito de gênero e sexualidade. Por mais que apresentasse o termo Literatura em seu texto, o assunto do artigo descartado não se conectava ao que propõem esta pesquisa.

O mesmo processo foi realizado com a palavra Infância, aqui é válido destacar que a escolha da palavra infância se deve a sua maior abrangência, quando comparada a outras palavras equivalentes, como, por exemplo, educação infantil, que é termo mais limitador. Obtendo-se um total de dezessete trabalhos. E após a leitura quatro trabalhos foram selecionados. Os outros 13 foram excluídos pelos mesmos motivos supramencionados. Isto é, mesmo apresentando o termo, este não era empregado de modo que fosse relevante para esta pesquisa.

Em seguida, a expressão utilizada foi Ensino Fundamental, e por meio do mesmo processo de pesquisa quatro produções foram encontradas e dessas apenas um trabalho foi selecionado para análise. No que se refere aos outros trabalhos encontrados, após a leitura ficou claro que estes não apresentavam conexão com a pesquisa aqui desenvolvida.

Por fim, a última palavra selecionada foi Escola e essa busca resultou em noventa e cinco publicações e destas apenas cinco trabalhos foram selecionados. Os outros noventa trabalhos foram descartados porque não apresentavam uma discussão que se conectasse com este trabalho.

Assim, foram selecionados um total de 12 trabalhos, listados abaixo. O passo seguinte foi a leitura de todas as produções selecionadas. Por meio dessa primeira leitura foi possível identificar quais tratavam da Literatura como uma estratégia para abordar as temáticas de gênero e sexualidade nas salas de aula e quais não se adequavam ao tema. Os trabalhos selecionados estão listados no Quadro 1 abaixo:

#### Quadro 1 – Trabalhos selecionados para análise



	Título do trabalho	Autora(s)
1	A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO NA INFÂNCIA	Karine Natalie Barra Godoy e Mariana de Paula Vieira
2	AS INFÂNCIAS E AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA AUTOBIOGRAFIA DE CECÍLIA MEIRELES	Nubea Rodrigues Xavier
3	CORPOS DE MENINAS E CORPOS DE MENINOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ETNOGRAFIA SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE GÊNERO NA INFÂNCIA	Laura Tereza de Sá e Benevides Inoue
4	DIVERSIDADE DE GÊNERO NA INFÂNCIA: UMA REVISÃO DA LITERATURA	Cristiane CamponogaraBarattoe Paula Sandrine Machado
5	QUESTÕES DE DIVERSIDADE SOBRE O OLHAR DAS CRIANÇAS EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL	Anelise Monteiro do Nascimento e Leonardo da Silva Pereira
6	LITERATURA JUVENIL CONTEMPORÂNEA: ANÁLISES SOBRE AS PRODUÇÕES E MODOS DE SER SUJEITO LGBTI	Caroline Amaral e Paula Regina Costa Ribeiro
7	“USA O REFORÇO POSITIVO DIZENDO SEJA HOMEM, TENS QUE SER MACHO”: CENAS DA ESCOLA E O PROCESSO DE NORMALIZAÇÃO	Juliana Lapa Rizza e Paula Regina Costa Ribeiro
8	A GUINADA CONSERVADORA NA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE O NOVO CONTEXTO POLÍTICO E SUAS REVERBERAÇÕES PARA A ABORDAGEM DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA	Gabriela Sevilla e Fernando Seffner
9	COMO AS (OS) ESTUDANTES DE PEDAGOGIA PERCEBEM A DIVERSIDADE SEXUAL NO ESPAÇO ESCOLAR	Lucia Mara de Lima Padilha, Elisângela Avelar Dainelli e Márcia Barbosa da Silva

10	EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE: ENTENDIMENTOS E CONCEPÇÕES DE FAMILIARES DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE UMA ESCOLA MUNICIPAL	Saionara Vitória de Almeida e Raquel Pereira Quadrado
11	EDUCAR PARA SEXUALIDADE NA ESCOLA: UM ESTUDO COM EDUCADORES/EDUCADORAS NO MUNICÍPIO DE SENHOR DO BONFIM-BA.	Tatiane Pina Santos e Maria José Souza Pinho
12	ENFRENTAMENTO A HOMOFOBIA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS	Cristina Monteggia Varela, Paula Regina Costa Ribeiro e JoanaliraCorpes Magalhães

Após a leitura atenta dos trabalhos, apenas um trabalho foi considerado relevante para a temática proposta por esta pesquisa. Outros dois trabalhos, ainda que não se conectem diretamente com o objetivo desta pesquisa, apresentam ideias e conceitos que podem ser de grande valia para a inserção da literatura como suporte para as discussões de gênero e sexualidade na sala de aula e serão apresentados. Os outros nove trabalhos, apesar de terem alguns pontos de contato com a temática, não estão relacionados aos objetivos desta pesquisa. Os resultados da análise realizada e a discussão das informações levantadas são apresentados a seguir.

## RESULTADOS

O primeiro texto analisado se intitula “QUESTÕES DE DIVERSIDADE SOBRE O OLHAR DAS CRIANÇAS EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL” (NASCIMENTO; PEREIRA, 2017) e mostra o processo e os resultados de um projeto de intervenção realizado em uma escola pública do município de Mesquita no Rio de Janeiro.

Entretanto é válido salientar, que a pesquisa realizada na escola tem como foco a discussão da diversidade de modo geral e não apenas diversidade de gênero como é proposto neste artigo.

Segundo os autores o objetivo era ouvir e problematizar o que os alunos e as alunas da escola tinham a dizer sobre o tema “Diversidade”. Nesse trabalho o conceito de diversidade inclui, mas não se restringe a questões de sexualidade e gênero. Foram realizadas oficinas e utilizadas obras literárias como disparadoras de debates, a fim de que as questões de gênero e sexualidade fossem discutidas de modo contextualizado e conectado às vivências das e dos estudantes.

Este artigo retrata a realização de oficinas de discussão acerca da diversidade. As oficinas foram pensadas pelos pesquisadores em conjunto com a professora regente, que conduziu as oficinas.

Os autores utilizaram três obras da literatura infantil para desenvolverem suas oficinas: “Diversidade” de Tatiana Belinky (1999), “O patinho feio” de Hans Christian Andersen e “Teresinha e Gabriela” de Ruth Rocha (1976).

Como resultado, no que se refere às questões de gênero e sexualidade foi possível observar que mesmo as crianças, ainda em processo de construção cultural e intelectual, já apresentam um discurso bastante normativo e maniqueísta, deixando muito claro quais são os papéis sociais de homens e mulheres. Segundo as autoras e em acordo com este texto aqui produzido, a literatura pode e deve ser utilizada para romper com esses conceitos já tão enraizados, mesmo em indivíduos tão jovens. Cabe ao professor mediar a formação de um pensamento liberto de preconceitos e a Literatura pode ser uma importante arma para isso.

Tal pesquisa deixa claro que a Literatura pode ser um importante aliado dos educadores, tornando as discussões mais integradas ao dia-dia, mais contextualizadas e muito mais significativas para alunos e alunas.

Diante dessa discussão é possível afirmar que dentro do que esta pesquisa se propôs a realizar, este é o único artigo que efetivamente aborda a literatura como uma forma de discutir e problematizar as questões de gênero e sexualidade. E como as autoras deixam claro isso ocorre de modo bastante natural e contextualizado, integrando a temática ao cotidiano das crianças.

O segundo artigo aqui analisado não se conecta de maneira tão direta com a temática desta pesquisa. Contudo o trabalho “AS INFÂNCIAS E AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA AUTOBIOGRAFIA DE CECÍLIA

MEIRELES” (XAVIER, 2017) apresenta discussões válidas para a formação docente no que se refere ao uso da literatura como aporte para as discussões de gênero e sexualidade.

O trabalho utiliza a obra “Olhinhos de Gato” da autora brasileira Cecília Meireles para discutir os papéis de gênero no período em que se passa a obra literária, entre 1930 e 1940.

O artigo mostra como os papéis de gênero ficam muito bem delimitados e extremamente limitados nesta obra, isto é, o quanto a visão patriarcal restringe a mulher aos espaços domésticos, além do cuidado com as crianças. Em contrapartida o homem é visto como o provedor, forte e sagaz, reforçando muitas vezes a ideia do herói que aparece sempre para salvar a mulher que está em perigo.

No que diz respeito à infância especificamente, o artigo mostra como a obra apresenta os meninos como pessoas com maior permissividade, liberdade e audácia, enquanto as meninas precisam ser sempre organizadas e bem comportadas, preparadas para a vida doméstica que as aguarda no futuro.

Por meio do artigo fica claro o quanto a literatura pode ser eficiente no que se refere à introdução da temática de gênero na sala de aula. De uma maneira totalmente natural, os papéis sociais de homens e mulheres podem ser discutidos a partir da leitura de “Olhinhos de Gato”.

O artigo supramencionado não menciona a utilização da obra em sala de aula especificamente, e a obra não poderia ser utilizada na educação infantil ou nos anos iniciais do ensino fundamental. Entretanto, torna-se relevante para essa pesquisa porque é um exemplo de trabalho que utiliza uma obra literária como forma de suscitar a uma discussão sobre gênero e que poderia ser utilizada na formação docente, ampliando e aprimorando a visão de professoras e professores acerca de gênero e sexualidade, ou mesmo com adolescentes no ensino médio. Em consequência dessa ampliação da visão dos papéis de gênero as discussões em sala de aula poderão se tornar muito mais ricas e menos estereotipadas.

O terceiro trabalho analisado também poderia ser descartado pelos critérios de seleção de trabalhos da pesquisa, mas como o segundo trabalho foi mantido porque traz contribuições importantes. Trata-se do trabalho intitulado “LITERATURA JUVENIL CONTEMPORÂNEA: ANÁLISES SOBRE AS PRODUÇÕES E MODOS DE SER SUJEITO LGBTI” (AMARAL; RIBEIRO, 2017), que tem como temática central a sexualidade.

O artigo aborda diretamente a temática LGBT+ no que se refere a crianças e adolescentes. Isto é, o trabalho faz uma análise das obras “Menino de ouro”, de Abigail Tarttelin, “Diário de uma garota atrevida”, de Karina Dias, “Amor entre meninas”, de Shirley Souza, “Uma bebida e um amor sem gelo, por favor”, de Liliane Prata, “Aristóteles e Dante descobrem o segredo do universo”, de Benjamin Alire Sáenz, “Garoto encontra Garoto” e “Todo Dia”, de David Levithan, buscando compreender como o jovem LGBT+ é retratado no contexto da literatura juvenil contemporânea.

O artigo em momento algum sugere o uso da literatura para discutir a temática LGBT+ nas escolas. Todavia, se usadas dentro das salas de aula, as obras analisadas seriam de grande valia para educadores abordarem questões relacionadas à identidade e à orientação sexual.

Assim, o artigo é mencionado nesta pesquisa uma vez que sua leitura pode agregar importantes saberes aos professores e às professoras, que podem a partir daí inserir a literatura em suas aulas, tratando a temática de modo mais orgânico e significativo, já que todas as obras apresentadas são de interesse dos alunos e das alunas e tem grande potencial para despertar sua atenção e curiosidade, impulsionando aprendizagens.

A quantidade de trabalhos selecionados nesta pesquisa indica que a literatura parece ainda não estar sendo um recurso muito comum nas discussões sobre gênero e sexualidade nas salas de aula. Existem trabalhos que partem do entendimento de que a literatura é um recurso que pode ser utilizado para suscitar discussões sobre sexualidade e gênero nas escolas, entretanto em número ainda bastante reduzido.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho realizou uma análise acerca da utilização da Literatura como suporte para as discussões de gênero e sexualidade na sala de aula. A sexualidade é parte fundamental da formação do ser humano, trata-se de algo intrínseco aos indivíduos.

No que se refere à escola, esta deve ser espaço de acolhimento, segurança e apropriação dos conhecimentos produzidos pela humanidade. Conhecimento este que não se relaciona apenas as disciplinas que compõe o currículo, como matemática ou história, mas também, conhecimentos do mundo que nos cerca e de quem somos.

Diante deste cenário, torna-se imprescindível o uso da literatura para o trabalho com as temáticas de gênero e sexualidade dentro da sala de aula. E a proposta desta pesquisa foi verificar se isso de fato tem ocorrido nas escolas.

Ao iniciar a pesquisa acreditava-se que o recurso literário fosse um artifício utilizado com maior frequência nas discussões relacionadas ao tema. Entretanto, o que se viu foi que a literatura não parece ser a primeira opção dos educadores quando se refere ao assunto. Após análise de dados, revisão textual e vivências de sala de aula, foi possível perceber que gênero e sexualidade são assuntos ainda pouco abordados por professores e professoras. E quando isso acontece a forma escolhida é sempre reforçando padrões de feminilidade e masculinidade, reforçando comportamentos que julgam como o único aceitável ou normal, ou ainda apegando-se unicamente aos aspectos biológicos da sexualidade. As palestras sobre métodos contraceptivos e ISTs ainda parecem ditar as regras no que se refere ao tema.

Enfim, diante de tudo que foi visto é possível afirmar que as discussões no que se refere a temática gênero e sexualidade, ainda causam estranhamento e dificuldade em muitos educadores. É possível dizer também que a Literatura, mesmo se mostrando uma forma orgânica e natural de trazer à tona o tema, parece ainda ser pouco utilizada.

Diante de tudo que foi discutido no decorrer da pesquisa é possível afirmar que muito ainda pode ser feito na busca por uma educação sexual que atinja a todos os alunos e todas as alunas, que torne as discussões mais dinâmicas e contextualizadas.

A oferta de oficinas que abordem a temática na formação docente e que colaborem para que os docentes se sintam mais confortáveis para falar sobre sexualidade e gênero nas salas de aula pode ser uma prática que gere bons resultados no processo educacional.

É válido ainda salientar que este trabalho representa um primeiro passo na investigação do tema. Em trabalhos futuros é possível investigar os motivos pelos quais professoras e professores não utilizam obras literárias para discutir sexualidade e gênero, ou ainda apontar formas de abordar o tema em sala de aula identificando as obras mais apropriadas para diferentes faixas etárias, entre outras possibilidades de realização do trabalho de educação sobre sexualidade e gênero.

**REFERÊNCIAS:**

ABRANTES, Angelo. A. (2011). A educação escolar e a promoção do desenvolvimento do pensamento: a mediação da literatura infantil. 248f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ABREU, Francielle, SILVA, Ariana;. Sexualidade, feminilidade e Literatura: Uma Leitura de "As Meninas". RIUFLA, Lavras, p. 6-32, 25 fev. 2016.

ALTMANN, Helena. Orientação Sexual no Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Estudos Feministas**, São Carlos, ano 9, v. 9, n. 2, p. 575-585, 1 fev. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/316>. Acesso em: 19 nov. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: [s. n.], 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 14 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais 1º a 4º Volume 10.2 – Orientação Sexual. Brasília: DF, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>, acesso em 08/05/2019

BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. Educação e Realidade. Vol. 21(1), jan/jul.1996

CÂNDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; DE ALMEIDA PRADO, Decio; GOMES, Paulo Emílio Salles. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2011

CORSINO, Patrícia. Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações. In: BRASIL. Ministério da educação e do esporte. Coleção Explorando o Ensino; v. 20 Literatura: ensino fundamental. Brasília, DF, 2010. BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990.

DUARTE, Newton. (2000). A Anatomia é a Chave da Anatomia do Macaco: A dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. Revista Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, Julho.

GESSER, Marivete; OLTRAMARI, Leandro Castro e PANISSON, Gelson. DOCÊNCIA E CONCEPÇÕES DE SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA. *Psicol. Soc.* [online]. 2015, vol.27, n.3, pp.558-568. ISSN 0102-7182. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p558>.

GUIZZO, Bianca Salazar ; RIPOLL, Daniela. GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA E NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: LIMITES E POSSIBILIDADES. *Holos*, 2015. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2945>. Acesso em: 8 maio 2019.

KOLLONTAI, Alexandra. (2011). A nova mulher e a moral sexual. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular

LEONTIEV, Alexei. N. (2004) O desenvolvimento do psiquismo. 2ª. Ed. São Paulo: Centauro.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pos estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

PASQUALINI, Juliana. OBJETIVOS DO ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL À LUZ DA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CRÍTICA E HISTÓRICO-CULTURAL. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 200-209, 1 jul. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/viewFile/12776/9515>. Acesso em: 14 abr. 2021.

SAFFIOTTI, Heleieth. (2004). Gênero, Patriarcado e Violência. 1ª Ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo

SAVIANI, Demerval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2003 (p. 13)

SILVA, Márcio Magalhães da. PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA ANÁLISE DO TEMA “ORIENTAÇÃO SEXUAL I” NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 78-88, 1 jun. 2015.

TOFFANELLI, ANA CAROLINE. **Educar para a diferença: uma análise das relações de gênero presentes na literatura infantil sob o olhar da Psicologia Histórico Cultural e do feminismo de orientação marxista**. Orientador: Profa. Dra. Adriana de Fátima Franco. 16. 129 f. Dissertação (Mestre em Psicologia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

WEEKS, J. El malestar de la sexualidad. Significados, mitos y sexualidades modernas. Madrid: Talasa, 1993.